

O GEOFILOSOFAR: UMA INTRODUÇÃO¹

THE GEOPHILOSOPHIZING: AN INTRODUCTION

Paulo Irineu Barreto Fernandes

Instituto Federal do Triângulo Mineiro, Brasil

DOI: <https://doi.org/10.46550/cadernosmilovic.v3i1.112>

Resumo: Este artigo tem como principal objetivo introduzir o “geofilosofar”, entendido como abordagem teórica, campo de estudo e modo de aproximação horizontal entre conhecimentos e áreas, com o intuito de possibilitar um novo olhar – geofilosófico – para problemas inerentes ao viver humano sobre a Terra. O ponto de partida é o conceito “geofilosofia”, apresentado por Deleuze e Guattari no livro *O que é a filosofia? (Qu'est-ce que la philosophie?)*, cujo objetivo fundamental é afirmar a relação de imanência entre a filosofia e a terra: portanto, trata-se de uma “Filosofia da [e sobre a] Terra”. A pertinência do conceito introduzido pelos autores franceses provocou um grande interesse em muitos intelectuais, possibilitando desdobramentos que nos permitem afirmar que já estamos lidando com distintas geofilosofias e não somente com uma. Assim, propomos a seguinte questão, que é central nesta pesquisa: “Pode a geofilosofia constituir uma nova área de pesquisa?”. Para respondê-la, também com fundamento em Deleuze e Guattari, para os quais a filosofia é a arte de formar, inventar, e fabricar conceitos, introduzimos o verbo/conceito “geofilosofar”, como corolário de uma pesquisa conceitual – acompanhada de exemplos – que nos permitiu afirmar: “Sim, a geofilosofia constitui-se em um campo próprio de pesquisa, que busca na compreensão e na prática da alteridade, meios para a superação do *status quo* capitalista”.

Palavras-chave: Geofilosofia, Filosofia, Terra, Geofilosofar.

Abstract: The main objective of this article is to introduce “geophilosophizing” understood as a theoretical approach, field of study, and a mode of horizontal approximation between pieces of knowledge and areas, with the goal of enabling a new geophilosophical perspective on inherent problems of human life on Earth. The starting point is the concept of “geophilosophy” presented



¹ Este artigo é uma versão condensada e atualizada de reflexões e proposições que constam na tese de doutoramento do autor deste artigo, defendida em dezembro de 2023, no Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia, programa no qual o autor deste artigo é, desde julho/2025, discente de estágio pós-doutoral, sob orientação da Profa. Dra. Georgina Cristina Amiranho.

by Deleuze and Guattari in the book “What is Philosophy?” (*Qu’est-ce que la philosophie?*), whose fundamental goal is to affirm the relationship of immanence between philosophy and the Earth: therefore, it is a “Philosophy of [and about] the Earth”. The relevance of the concept introduced by the French authors sparked great interest within many intellectuals, enabling developments that allow us to assert that we are already dealing with different geophilosophies and not just one. Thus, we propose the following question: “Can geophilosophy establish itself as a new area of research?” To answer it, also based on Deleuze and Guattari, for whom philosophy is the art of forming, inventing, and fabricating concepts, we introduce the verb/concept of “geophilosophizing” as the corollary of a conceptual research - accompanied by examples - that allowed us to affirm: “Yes, geophilosophy constitutes a distinct field of research, seeking in the understanding and practice of alterity, means for overcoming the capitalist status quo”.

Keywords: Geophilosophy, Philosophy, Earth, Geophilosophizing.

O método geofilosófico e o geofilosofar: uma proposta

Sendo movidas pelo hábito e pelo senso comum, as pessoas, em geral, acreditam que aqueles que viveram antes delas viveram no passado. No entanto, tal compreensão é apressada e, de certa forma, ingênua, pois, de fato, qualquer pessoa que já tenha vivido, viveu no seu presente. Um segundo erro que cometem as pessoas que pensam assim é o de creditarem para si mesmas um orgulho de contemporaneidade injustificado, pois não são donas do tempo em que vivem. Uma pessoa que tenha vivido no que nós chamamos de passado e que tenha transformado positivamente o seu meio, é mais atual e presente do que a maioria das pessoas que vivem agora, ainda que essas últimas existam, de fato, e a primeira, não. Acreditamos que as inferências deste parágrafo constituem uma forma de reflexão geofilosófica.

Por “geofilosofia” entendemos a relação entre o pensamento filosófico e a prática social e política com as categorias geográficas: lugar, paisagem, território, espaço, tempo, região, dentre outras; da maneira como pensaram, a princípio, os filósofos franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari, em seu livro “Qu’est-ce que la philosophie?”:

Géophilosophie § Le sujet et l’objet donnent une mauvaise approximation de la pensée. Penser n’est ni un fil tendu entre un sujet et un objet, ni une révolution de l’un autour de l’autre. Penser se fait plutôt dans le rapport du territoire et de la terre. Kant est moins prisonnier qu’on ne croit des catégories d’objet et de sujet, puisque

son idée de révolution copernicienne met directement la pensée en rapport avec la terre ; Husserl exige un sol pour la pensée, qui serait comme la terre en tant qu'elle ne se meut pas ni n'est en repos, comme intuition originaire. Nous avons vu pourtant que la terre ne cesse d'opérer un mouvement de déterritorialisation sur place par lequel elle dépasse tout territoire : elle est déterritorialisante et déterritorisée. Elle se confond elle-même avec le mouvement de ceux qui quittent en masse leur territoire, langoustes qui se mettent à marcher en file au fond de l'eau, pèlerins ou chevaliers qui chevauchent une ligne de fuite céleste. La terre n'est pas un élément parmi les autres, elle réunit tous les éléments dans une même étreinte, mais se sert de l'un ou de l'autre pour déterritorialiser le territoire². (Deleuze & Guattari, 1991, p. 82).

A intenção deste artigo é, portanto, produzir uma reflexão que conduza à possibilidade de a geofilosofia ser entendida e aplicada como uma forma de aproximação conceitual, quiçá uma abordagem teórica, partindo do princípio de que uma leitura geofilosófica é aquela que considera, sobretudo, o aspecto imanente (e também histórico) das transformações realizadas no lugar, na região, no território, na paisagem, dentre outros; com a atenção voltada para os movimentos, deslocamentos, desterritorializações e reterritorializações, tanto conceituais, quanto materiais, bem como as suas possíveis interpretações. Interessa à geofilosofia, além dos eventos, também as suas motivações explícitas e implícitas; o aspecto moral, e ético, das relações que contribuem para o que podemos chamar de *sentimento de pertencimento*, buscando romper não só com o colonialismo territorial, mas também com o colonialismo conceitual, moral e comportamental, em busca de características próprias, condizentes com determinados conceito / lugar / espaço / tempo / paisagem, que possam indicar as *faces da Terra*; como afirmou Caterina Resta, em suas 10 teses sobre a Geofilosofia:

É, em particular, na grande tradição alemã, pelo menos no início, que se pode reconhecer um modo diferente de combinar os dados

-
- 2 O sujeito e o objeto oferecem uma má aproximação do pensamento. Pensar não é nem um fio estendido entre um sujeito e um objeto, nem uma revolução de um em torno do outro. Pensar se faz antes na relação entre o território e a terra. Kant é menos prisioneiro que se acredita das categorias de objeto e de sujeito, já que sua idéia de revolução copernicana põe diretamente o pensamento em relação com a terra; Husserl exige um solo para o pensamento, que seria como a terra, na medida em que não se move nem está em repouso, como intuição originária. Vimos, todavia, que a terra não cessa de operar um movimento de desterritorialização in loco, pelo qual ultrapassa todo território: ela é desterritorializante e desterritorializada. Ela se confunde com o movimento daqueles que deixam em massa seu território, lagostas que se põem a andar em fila no fundo da água, peregrinos ou cavaleiros que cavalgam numa linha de fuga celeste. A terra não é um elemento entre os outros, ela reúne todos os elementos num mesmo abraço, mas se serve de um ou de outro para desterritorializar o território. (Deleuze & Guattari, 1992, p. 111).

geográficos, sensível à “alma da paisagem”, em que a Terra mostra a sua rica variedade de rostos. A Geofilosofia é, portanto, uma fisionomia, a partir do momento em que reconhece em qualquer lugar um aspecto, uma expressão, especial e única, uma face que expressa um caráter único (Resta, 2019, p. 27).

Faz-se necessário, portanto, descolonizar e decolonizar. Por “descolonizar” entendemos o rompimento material, físico ou a dependência histórica do colonizado em relação ao colonizador. Por “decolonizar” entendemos o rompimento com as consequências imateriais e subjetivas da colonização: é preciso deixar de pensar, sentir e agir como colonizado, produzindo novos pensamentos, sentimentos e ações. Sem isso, não será possível descobrir/revelar a verdadeira face de um lugar.

Esses novos pensamentos, sentimentos e ações, no entanto, não se fecham em si mesmos, mas se apresentam em construção, para o lugar e para o mundo. Eis porque a geofilosofia também se posiciona contra as fronteiras, por pensar que as características próprias de um lugar, espaço ou território, são marcas vivas das características dos povos que os habitam e, em sua diversidade, são um complemento em relação à diversidade do outro e não podem servir a finalidades excludentes, mas sempre de inclusão e de exercício da alteridade. O mesmo vale para os conceitos (universais) que, mesmo quando são limítrofes, e até excludentes, jamais poderão ser utilizados, legitimamente, a serviço dos êxodos, exílios, exclusões, desterritorializações e reterritorializações. Para a geofilosofia, as chamadas fronteiras, sejam elas materiais ou conceituais, dever ser local para o encontro, de aproximação, de trocas; mas jamais de separação e exclusão.

O poder tanto é exercido nos atos, quanto nas palavras e nos conceitos. Quem quer excluir, exclui primeiro na palavra, no conceito, no nome; “cria o inimigo”. Nesse aspecto também encontramos um princípio geofilosófico fundamental: é preciso promover uma desterritorialização seguida de uma reterritorialização, não necessariamente espacial, mas do poder. Aqueles que lutam por poder, glória pessoal e riquezas se esforçam para terem os seus desejos e anseios satisfeitos, forjando situações que lhes são favoráveis. Por isso, buscam a desterritorialização da justiça e afirmam sua própria supremacia a todo custo; desterritorializam a verdade, reterritorializando-a na forma de um sucesso particular. No entanto, aqueles que lutam pela justiça, e por tudo aquilo que a caracteriza: verdade, liberdade, alteridade, reciprocidade, pagam o caro preço de serem eles os desterritorializados da “cidade” que escolheu o erro como “território”.

Levando-se em consideração que “A criação de conceitos faz apelo por si mesma a uma forma futura, invoca uma nova terra e um povo que não existe ainda” (Deleuze e Guattari, 1992, p. 140), torna-se preciso promover essa reterritorialização da justiça e do que a caracteriza; e ela deve ocorrer, a princípio, conceitualmente. Este é o papel ao qual a geofilosofia se propõe: evocar e invocar a “nova terra”³. Fazer isso é Geofilosofar, conceito que introduziremos no próximo tópico, fazendo coro ao que escreveu Nietzsche, por Deleuze e Guattari:

Nietzsche determinou a tarefa da filosofia quando escreveu: Os filósofos não devem mais contentar-se em aceitar os conceitos que lhes são dados, para somente limpá-los e fazê-los reluzir, mas é necessário que eles comecem por fabricá-los, criá-los, afirmá-los, persuadindo os homens a utilizá-los. (Deleuze e Guattari, 1992, p. 13).

Portanto, geofilosofemos!

Geofilosofar! o que é?

Se a Filosofia, na aurora do pensamento ocidental, nos conduziu ao filosofar, ou talvez fosse melhor afirmar que o filosofar tenha nos conduzido à Filosofia. De qualquer forma, foi preciso que a Filosofia fosse denominada, para que aqueles primeiros fossem chamados de filósofos e se pudesse a eles creditar o “filosofar”. De forma análoga, afirmamos que a existência da geofilosofia conduz ao geofilosofar – e vice-versa – e, embora Deleuze e Guattari não tenham se ocupado com a formulação desse novo verbo/conceito, acreditamos que seja possível e viável propô-lo.

Já sabemos que a geofilosofia é uma busca pela relação entre o pensamento e a Terra, em sua imanência e a partir dos elementos e contingências que a compõem, descritos e conceituados nas diferentes categorias geográficas: lugar, território, paisagem, tempo, espaço, dentre outras. Nesse sentido, geofilosofar seria a própria reflexão geofilosófica. No entanto, pensamos que seja possível ir além, introduzindo um conceito novo – o geofilosofar – que nomeia uma atitude não necessariamente nova; ou seja, há muito tempo as pessoas geofilosofam, ainda que não usem esse termo.

3 Conceito amplamente utilizado por Deleuze e Guattari, em *O que é a Filosofia?*: “A filosofia leva ao absoluto a desterritorialização relativa do capital, ela o faz passar sobre o plano de imanência como movimento do infinito e o suprime enquanto limite interior, voltando-o contra si, para chamá-lo a uma nova terra, a um novo povo.” (Deleuze e Guattari, 1992, p. 129); “A desterritorialização de um tal plano não exclui uma reterritorialização, mas a afirma como a criação de uma nova terra por vir.” (*Ibid.*, p.117).

Seguindo uma metodologia semelhante a Deleuze e Guattari, para os quais a filosofia nasce de desterritorializações, pois, para a filosofia nascer, foi preciso que a “desterritorialização absoluta do plano de pensamento se ajustasse ou se conectasse diretamente com a desterritorialização relativa da sociedade grega. Foi preciso o encontro do amigo e do pensamento” (Deleuze e Guattari, 1992, p. 122), apresentaremos dois exemplos de “geofilosofar”, antes de propormos uma definição.

Exemplo I: Papa Francisco⁴

Se a filosofia, em seu caráter imanente, nasce de desterritorializações, as quais são sucedidas por reterritorializações, o mesmo pode ser afirmado em relação à geofilosofia. Uma recente produção cinematográfica denominada *A Sabedoria do Tempo, com Papa Francisco* pode ser entendida como um bom exemplo do *geofilosofar*, pois propõe como tema fundamental a reterritorialização da reciprocidade e da alteridade. A proposta é, ao mesmo tempo, simples e ousada. Simples porque é caracterizada em primeiro plano por uma série de entrevistas com o Papa, nas quais ele responde sobre temas urgentes: Amor, Sonhos, Luta e Trabalho, um em cada episódio. Não há uma complexa roteirização. É o Papa Francisco⁵, em suas dependências, sendo entrevistado. É ousada porque, acompanhando as perguntas e respostas feitas ao, então, Papa, são exibidas reportagens de pessoas que têm em comum o fato de terem vivenciado situações transformadoras e de serem consideradas amigas de Francisco, embora vivam em diferentes países e não se conheçam, necessariamente, entre si.

A série tem início com a seguinte afirmação do Papa Francisco: “Para mim, hoje, é importante para o futuro da humanidade que os jovens falem com os velhos”, seguida da frase da produção: “Por mais de um ano, em todo o mundo, jovens cineastas com menos de 30 anos entrevistaram e filmaram pessoas com mais de 70 anos. São as histórias de vida deles”. (*A Sabedoria do Tempo, com Papa Francisco*, T 1, Ep. 1).

4 Algumas semanas após redigir este tópico, no qual cito o Papa Francisco, ouvi a seguinte afirmação, na apresentação feita, presencialmente, por Filomeno Lopes, palestrante do XIX Encontro Nacional da ANPOF, em Goiânia - Goiás, no dia 12 de outubro de 2022: “Hoje, na Europa, a questão dos imigrantes é triste. E dizer triste é dizer pouco, é desumanizante. A única voz crítica que permanece é o Papa Francisco”. A apresentação de Filomeno Lopes foi transmitida e está disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=VylrZxLZbFY>. Acesso em: 14 de out. 2022 e 27 de jul. 2025. O trecho citado pode ser assistido a partir de 1h 15min 40seg.

5 Jorge Mario Bergoglio (1936-2025).

A proposta da série se mostra rapidamente: romper com as barreiras entre as gerações, trazendo à tona histórias de alteridade, em várias partes do mundo, superando também fronteiras territoriais. O afeto, a reciprocidade e o amor, tão repudiados em um mundo marcado pelo consumismo e pelo egoísmo, podem estar em qualquer lugar, em qualquer pessoa e, se estão nos lugares e nas pessoas, também podem frequentar todos os lugares do planeta Terra.

Mas, afinal, por que tratar esta série como um exemplo de geofilosofia e do geofilosofar? Não apenas porque trata de temas de interesse global e local. Mas, sobretudo, por tratar-se de uma possibilidade sobre o qual os próprios introdutores do termo haviam adiantado, ao afirmarem que o cristianismo dos séculos XV ao XVII “... faz da *impresa* o invólucro de um *conchetto*, mas o *conchetto* não tomou ainda consistência e depende da maneira pela qual é figurado ou mesmo dissimulado” (Deleuze e Guattari, 1992, p. 121) e “... talvez a crença não se torne um verdadeiro conceito, senão quando ela se faz crença neste mundo, e se conecta em lugar de se projetar” (*Ibidem*).

O que temos nas citações acima denota muito bem o caráter geofilosófico da série, pois nela verifica-se uma subversão radical da lógica e da tradição cristãs, sempre fundamentadas na hierarquia e não na proximidade. Ou seja, nesse caso, os sentimentos apresentados nos diferentes episódios buscam a conexão e não a projeção e, desta forma, ganham consistência. Na série, não existe o apelo a uma teologia, ou a uma fé, transcendente; mas faz-se referência a uma relação imanente, horizontal, humana, próxima e não hierarquizada e essas são características fundamentais do discurso geofilosófico e do geofilosofar: imanência, vizinhança, proximidade e plurivocidade, no lugar da univocidade e da hierarquia; o devir, no lugar do ser. O termo vizinhança entendido no seu aspecto conceitual, pois sabemos que, nos aspectos sociais e políticos, nem sempre a vizinhança é pacífica.

Paradoxalmente, as reflexões apresentadas na série são diametralmente opostas à benção papal tradicional, denominada *Urbi et Orbi* (à cidade de Roma e ao mundo [Terra]). Embora a benção tenha uma denominação que poderia se pretender geofilosófica, pois faz referência tanto ao global quanto ao local, a mesma é feita de forma totalmente vertical e hierarquizada. Até mesmo a postura do Papa, que em quase todas as ocasiões da benção se posiciona em uma parte alta dos seus aposentos,

falando, de uma janela, ao público que o ouve por microfones e o vê distante⁶.

No caso da série, diferentemente, o Papa fala no mesmo nível dos entrevistadores e torna-se, ele mesmo, senão um criador, pelo menos um “aparador”⁷ de conceitos, como pode ser evidenciado nas citações a seguir, todas feitas pelo Papa: “Uma pessoa que não é capaz de sonhar tem algo faltando. É uma pessoa asséptica. A assepsia é boa para salas de cirurgia, mas não para a vida” (A Sabedoria do Tempo, com Papa Francisco, T1, Ep. 1, 46m, 35s); “A nostalgia não é algo negativo, como alguns fazem acreditar, tem algo de positivo nela. Faz você se lembrar com carinho das coisas bonitas da vida” (*Ibid.*, T1, Ep. 2, 24m) e “As pessoas que não têm medo me preocupam, as pessoas que se deixam dominar pelo medo me preocupam; você precisa dialogar com o medo” (*Ibid.*, T1, Ep. 3, 8m, 40s).

Em todas as citações acima encontramos alguns elementos comuns que sobressaem do mero entendimento dos conceitos aludidos. O Papa Francisco usa os termos “assepsia”, “nostalgia” e “medo” e sente a necessidade de “apará-los”, indicando que, primeiro, não são termos sobre os quais existe apenas um entendimento, não indicam uma univocidade, mas uma plurivocidade. Sobre as “aparações conceituais” escrevemos:

Aparações conceituais: Reflexões feitas no intuito de possibilitar uma melhor compreensão dos conceitos, aparando extremos, evitando interpretações que extrapolem o seu uso “consagrado” ou o uso pretendido. Muitos mal-entendidos, confusões e conflitos têm a sua origem a partir do uso de conceitos mal aparados e não aparados, ou do uso mal aparado, ou não aparado, de conceitos. As *aparações conceituais* não devem ser confundidas com ambigüidade e/ou ambivalência, que são próprias e inerente a muitos conceitos. (Fernandes, 2023, p. 155).

O que Francisco faz não é limitar o território desses conceitos, mas, de fato, ampliar e trazer mais elementos para a sua “vizinhança”, colocando-os em uma condição telúrica e de imanência, em um pleno exercício do

6 O autor deste artigo teve a oportunidade, em abril de 2017, de presenciar uma das bênçãos papais e, embora sempre seja pronunciada uma mensagem de paz e união entre as pessoas, observa-se um contraste muito grande entre a mensagem e a maneira distante como se organiza a comunicação papal.

7 Em nossa tese de doutoramento em Filosofia, já citada neste artigo (Nota de rodapé 1), propusemos o conceito “aparação” (aparações conceituais), com o qual buscamos fazer referência à necessidade de *ponderar* sobre determinados termos, fazendo neles “aparações” importantes, para que os mesmos possam cumprir melhor com sua função, como faz o Papa Francisco nos exemplos citados neste tópico: assepsia, nostalgia e medo. Acreditamos que essa atitude ainda não tenha sido conceituada.

“geofilosofar”⁸, que busca uma “nova terra”, que não é uma utopia, mas uma construção geofilosófica e orgânica do afeto, que se constitui como processo: rizoma.

E são alguns dos elementos referenciados acima – a Terra, o rizoma, a vizinhança – que nos permitem incluir a contribuição de Oswald de Andrade, a seguir.

Exemplo II - O Manifesto da Poesia Pau-Brasil (1924) e O Manifesto Antropófago (1928), de Oswald de Andrade

O autor tem consciência de que este tópico poderia conduzir a um anacronismo, sobretudo porque os textos citados foram escritos quando ainda não havia sido “pensado”, da maneira como o abordamos neste artigo, o termo “geofilosofia”. Trata-se, no entanto, de um risco assumido, que se resolverá e se diluirá ao final e a justificativa é a seguinte: os textos de Oswald, embora escritos na década de 1920, são de um frescor e de uma atualidade tão gritantes que bem poderiam ser considerados atemporais. Talvez sejam os primeiros textos atemporais genuinamente brasileiros, assim como a Divina Comédia, de Dante, pode ser tida com um texto atemporal genuinamente italiano e a Odisseia, de Homero, pode ser entendida como um texto atemporal genuinamente grego; e essa não é uma comparação com base no conteúdo, mas no fato de que assim como se considera a Divina Comédia uma obra que inaugura o italiano moderno e a Odisseia, o grego clássico; o Manifesto da Poesia Pau-Brasil e o Manifesto Antropófago inauguram a brasilidade e não seria possível escrever sobre uma Geofilosofia do (e no) Brasil sem considerar a sua leitura. São textos que antecipam as nossas preocupações geofilosóficas: o que e quem somos como povo, nação, território, paisagem, espaço-tempo e idioma?

Se a geofilosofia procura conhecer a relação entre o pensamento e o território, seja descrevendo o território que abriga certo pensamento, ou o pensamento que habita certo território; o que Oswald faz, nos manifestos,

8 Quando este tópico já havia sido redigido, em outubro de 2022, o autor deste artigo tomou conhecimento, na ocasião, de outra produção, também centrada nas atividades e ideias do Papa Francisco, que pode igualmente ser entendida como exemplo do Geofilosofar. Trata-se do documentário produzido por Youtube Originals (2022): *The Letter - A message for our Earth: Laudato Si' Film* (O Papa, a Crise Ambiental e os Líderes de Destaque - título adotado para o Português). A produção versa, entre outros temas, sobre a *Laudato Si'* (A Carta), epístola papal escrita em 2015. Na descrição do vídeo, lê-se a seguinte nota: “The Letter conta a história do apelo do Papa pelo cuidado com nosso planeta”. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Rps9bs85BII>. Acesso em: 20 de out. 2022 e 27 de jul. 2025.

é descrever (ou produzir) o território no qual deve (ou pode) frequentar um pensamento (arte, cultura, modo de ser...) que se pretenda brasileiro. Para tanto nós, brasileiros, começamos em desvantagem, pois sequer construímos uma mitologia⁹, cuja desconstrução pudesse nos conduzir a uma filosofia. O nosso território ainda é o deles; dos “conquistadores”. Estamos submetidos à “fatalidade do primeiro branco aportado e dominando politicamente as selvas selvagens” (Andrade, 1976, s/p). Sim, estávamos quando Andrade escreveu e ainda estamos. Eis a atualidade do texto.

O melhor que podemos aspirar (ainda) não é nosso, nos foi dado por aqueles que aqui chegaram, para dominar. De fato, sequer nos foi dado, pois a nossa terra e a gente daqui foram violentadas: “tinha havido a inversão de tudo, a invasão de tudo” (Andrade, 1976, s/p). A poesia Pau-Brasil agonizou e morreu, antes de nascer. Não pode haver uma língua sem arcaísmos, sem erudição ou que “fale” como nós falamos¹⁰: “Qualquer esforço natural nesse sentido será bom. Poesia Pau-Brasil” (*Ibidem*).

E aí veio a desterritorialização (a primeira) que consistia em não mais aceitar a lei da aparência; criando uma nova perspectiva: uma “reação à aparência” (*Ibidem*). Isso é geofilosofia. Pensá-la e descrevê-la é geofilosofar.

Queríamos o sentido puro. “Uma visão que bata nos cilindros dos moinhos” (*Ibidem*). A mistura, a reza, o carnaval... “A hospitalidade um pouco sensual, amorosa” (*Ibidem*). Originalidade nativa *versus* adesão acadêmica. De resto, apenas o necessário, sem ontologias(s)!

E chegamos ao manifesto antropófago

“Só a antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente” (*Ibidem*). E Geofilosoficamente, podemos acrescentar.

9 A intenção não é invalidar as nossas tradições, mas admitir que, mesmo entre nós, elas ainda não assumem o mesmo valor que damos às mitologias de outros povos, como os gregos, os nórdicos, dentre outros. Na condição de professor de filosofia para o Ensino Médio, tenho inserido reflexões sobre o folclore brasileiro em minhas aulas e é lamentável e digno de nota o fato de que a maioria dos estudantes saiba mais sobre Zeus, Atena, Thor, Afrodite, Hércules, do que sobre Iara, Curupira e Corpo Seco.

10 Carolina Maria de Jesus ousou fazer essa narrativa em “Quarto de Despejo” e outros escritos. Para mais informações sobre uma possível relação entre Carolina Maria de Jesus e a Geofilosofia, recomendamos o artigo intitulado: “A Geofilosofia como ponto de encontro entre Miroslav Milovic e Carolina Maria de Jesus: hospitalidade e decolonialismo”, publicado em Cadernos Miroslav Milovic | Porto de Galinhas | v. 1 | n. 2 | p. 23-34 | jul./dez. 2023. Disponível em: <https://miroslavmilovic.com.br/index.php/cadernos/article/view/41/30> Acesso em: 29 de jul. 2025.

De to be, or not to be a tupi, or not tupi. De Parmênides à Antropofagia brasileira. Um salto imenso. Uma libertação.

O índio (nome dado aos nossos povos originários, por engano) está nú e é despido mais uma vez pelo homem vestido. Ele é despido todos os dias, em algum lugar deste país, longe dos holofotes. Querem nos convencer de que o certo é o homem vestido, branco. Além desses, e daqueles, existem também os negros, que vieram forçados ou traficados. Os “brancos” criaram o seu Brasil próprio, antes que o Brasil natural pudesse realmente existir. O pensamento aqui é estranho, estrangeiro. Não foi o território que o criou. Inversamente, trouxeram um pensamento, para que esse produzisse seu território (estranho), que não se reconhece. No Brasil, território e pensamento não se harmonizam. Essa harmonização, se possível, é a tarefa de uma Geofilosofia do Brasil.

A tarefa da Geofilosofia do Brasil será interpretar o pensamento deste território. Podemos produzir (parir, gestar) uma geofilosofia que não seja pragmática, sistemática ou paradigmática. É (apenas) pensamento da (nossa) terra. Ela poderá canalizar, reunir e expressar as revoltas desses povos: índios, negros, sem terra, sem teto, LGBTQIAPN+, mulheres, pobres, migrantes, retirantes, exilados, expulsos, errantes; os rejeitados em sua própria terra: “a unificação de todas as revoltas eficazes...” (Andrade, 1976, s/p). A nossa revolução (geofilosófica) será a revolução das revoluções. E foi o colonizador quem nos indicou quem deve fazer a revolução, a antropofagia: os rejeitados de ontem, de hoje e de amanhã!

“O espírito recusa-se a conceber o espírito sem o corpo” (*Ibidem*): imanência, vizinhança, geofilosofia, geofilosofar.

Tudo o que buscamos hoje, já tínhamos: o coletivismo, a natureza, os bons sentimentos, o banho de rio do final do dia. O que nos trouxeram os invasores violentos? Aquele que cometeu a primeira violência étnica nestas terras deveria ter sido comido: antropofagia. Nós também temos (ou deveríamos ter) uma cosmogonia: Guaraci, a mãe dos vivos. “Antes dos portugueses descobrirem o Brasil, o Brasil tinha descoberto a felicidade” (*Ibidem*).

Eles, os europeus, foram os primeiros antropófagos: colonização, escravização¹¹, catequização forçada, aculturação, violência. A nossa antropofagia, entretanto, liberta. Eles querem a América; nós, Iracema! Não queremos pátria, queremos mátria, como escreveu Caterina Resta:

Portanto, pensa no pertencimento a uma terra que não é étnica ou racial, mas como abrigo e proteção, salvaguarda e custódia, cujas claras referências ao elemento feminino e materno aludem a outra genealogia possível. Por essa razão, talvez, se pudéssemos dizê-lo em nossa língua, deveríamos chamá-lo de “mátria”. O fato de que essa palavra ainda soa inédita para nós, ajuda-nos a compreender melhor a enorme dificuldade - além de todo mal-entendido, ainda para ser meditado - em tentar trazê-la para o pensamento. (Resta, 2019, p. 30).

A Geofilosofia não pretende simplesmente derrubar essa hierarquia de valores, reivindicando um matriarcado, passado ou futuro, *contra* um patriarcado dominante. Em vez disso, pretende devolver ao pensamento o que ele esqueceu e que nunca deixou de ameaçá-lo, nas suas fronteiras. Ela pretende completá-lo com a sombra que sempre o acompanhou, embora nunca tenha conseguido entrar em sua luz. Somente ao aceitar o feminino que ele próprio expeliu de si, o pensamento ocidental poderá descobrir essa perfeição, esse equilíbrio, essa harmonia que está faltando. (*Ibid.*, p. 35).

E se ilustro este excerto (Exemplo II) também com o pensamento de uma autora não brasileira, não o faço em detrimento dos nossos autores e autoras, muitos dos quais contemplados neste artigo, mas porque Caterina Resta, em sua geofilosofia, exprime bem essa incompletude, reclamada em nossa antropofagia.

Antes de sermos Brasil, éramos Pindorama.

Na terra de Pindorama

A índia segura o arco

Virada pro oceano

Ela baliza seu marco

Do Brasil foi fortaleza

E também a realeza

Antes de zarparem barcos (Iracema¹², Rômulo Bourbon)

11 A escravização (e outras formas de opressão), sobretudo a que foi feita pelos europeus que tornaram cativas pessoas trazidas dos países africanos para o solo americano, contém elementos que exigem uma profunda análise geofilosófica, ainda inédita. Foi um processo que envolveu populações de três continentes e apresentou uma forma de desterritorialização que não apenas retira a pessoa do seu território, ou do seu lugar de origem, mas a modifica, atribuindo uma nova e desumana condição de existência. Os seus efeitos cruéis permanecem até os dias atuais.

12 Disponível em <https://www.pensador.com/frase/Mjk2MzczNw/> . Acesso em: 12 out. 2023.

(Pau) Brasil é pai, Pindorama é mãe. A Terra é mãe!

E, a partir das reflexões apresentadas nos dois exemplos, parece-nos viável esboçar uma primeira definição do *geofilosofar*.

Geofilosofar: definição provisória

Geofilosofar é o constante pensar sobre a Terra, em seus movimentos, no intuito de compreendê-la, de torná-la compreensível e passível de comunicação. Não é qualquer pensamento sobre a Terra, mas aquele(s) pensamento(s) capaz(es) de recuperar o território perdido, de trazer à tona os agenciamentos, deslocamentos, desterritorializações e reterritorializações do concreto e do simbólico. Geofilosofar é pensar com o intuito de denunciar e romper com os desdobramentos do colonialismo e da globalização, em suas múltiplas manifestações, tanto materiais e objetivas, quanto imateriais e subjetivas. É buscar o sentido das desterritorializações e reterritorializações, tanto conceituais quanto materiais.

Nesse sentido, escravidão, exílio, êxodo e exclusão são formas distintas de desterritorializações e reterritorializações que interessam profundamente a este estudo, pois constituem a história geofilosófica da Terra e, como práticas, se associam em dois sentidos: material e imaterial. As desterritorializações e reterritorializações podem ser físicas e materiais e, acima de tudo, simbólicas ou conceituais.

No entanto, a escravidão, o exílio, o êxodo e a exclusão representam manifestações distintas, cuja relação entre si não se dá sempre no mesmo sentido. Enquanto exílio, êxodo e exclusão promovem, em geral, uma só desterritorialização, seguida de uma reterritorialização, a escravidão promove duas, ou mais, desterritorializações seguidas de suas correspondentes reterritorializações, sobretudo no que se refere à escravidão praticada em solo americano, na qual europeus colonizadores trouxeram, por mais de quatro séculos, pessoas provenientes do continente africano, na condição de sujeição.

No caso da escravidão praticada no continente americano¹³, no qual os escravizados foram trazidos do continente africano, por europeus,

13 Não ignoramos o fato de que os povos originários americanos também foram escravizados em seu território de origem, embora as informações disponíveis descrevam uma escravidão que não prevaleceu. De qualquer forma, trata-se de um modo específico de escravidão que escapa ao escopo analisado neste artigo.

são vários os deslocamentos e agenciamentos que devem ser denunciados e analisados. A pessoa escravizada tem a sua liberdade cerceada ainda no seu lugar de origem, no qual sua humanidade e sua dignidade são retiradas. Em seguida, ao chegar ao seu destino, a pessoa escravizada não só se dá conta de que foi retirada do seu lugar de pertencimento, mas também teve o seu ser modificado, deslocado, desterritorializado e reterritorializado, até os níveis mais extremos em que isso pode ser feito¹⁴: de pessoa livre, ela passa a ser escravo/a; não é mais dona de si, não é sujeito, mas objeto. Essa pessoa tem nome, mas não tem sobrenome; não sabe quem são os seus antepassados; não provém de um país, mas de um continente, de forma bem genérica. Geofilosofar sobre essa questão exige o estudo profundo desses deslocamentos e agenciamentos, tanto materiais, quando de significado.

Nesse sentido, a escravidão praticada no Brasil é a mais carente de reflexão e significados. Se nos Estados Unidos da América a escravidão culminou em uma divisão territorial radical e em uma guerra civil, e esses elementos forneceram a ela uma impressionante carga simbólica, à qual estão associados nomes como “secessão”, “segregação”, “apartheid”; no Brasil o mesmo não aconteceu. A escravidão aqui praticada não tem um nome, a não ser “escravidão” e, por isso, não foi ainda compreendida; não porque não tenha outros nomes, mas porque não houve ainda, sobre ela, a necessária e exaustiva reflexão. Está em estado de suspensão, virou tabu.

Neste ponto, peço que me perdoem os historiadores, geógrafos, antropólogos, cientistas sociais e pesquisadores de geopolítica que se dedicaram e se dedicam a essas questões. Não me refiro às tarefas que cabem a eles, às quais estão desempenhando com louvor. Refiro-me a uma lacuna que cabe à geofilosofia investigar e, se possível, preencher e responder. Qual seja? Aquela referente aos deslocamentos e agenciamentos das alterações simbólicas e das alterações do ser, ou essenciais. Por isso, associamos, irredutivelmente, o estudo da escravidão praticada no Brasil ao conceito de geofilosofia e de geofilosofar.

14 São muitas as consequências individuais e sociais decorrentes desses deslocamentos, cujas repercussões podem produzir diferentes manifestações e agenciamentos, tais como movimentos religiosos, artísticos, existenciais, dentre outros. Por exemplo, os ritmos musicais trazidos da África para América, que foram traduzidos (transformados) para diferentes formatos em cada local de destino: o Gospel negro dos Estados Unidos, que também contribuiu para o surgimento do Blues e do Jazz; o Choro e o Samba brasileiros e outros. Em cada um desses formatos ecoa um grito ancestral, marcado pelo sofrimento da escravidão. O desenvolvimento dessas reflexões, no entanto, escapa aos objetivos deste artigo, embora seja profundamente geofilosófico. Pretendemos nos dedicar a esse estudo em trabalhos vindouros, no que poderia ser intitulado de “Geofilosofia dos desdobramentos culturais da escravidão na América”.

A escravidão no Brasil tem sido estudada, sobretudo, sob o ponto de vista da estatística¹⁵: quantas pessoas foram trazidas; sobre como foram distribuídos; sobre como se reproduziram; sobre como se movimentaram e como se reorganizaram, após o fim da escravidão/escravatura. Mas o estudo que propomos procura, a princípio, cessar o movimento e contemplar a escravidão por dentro. É mais sobre a liberdade que foi perdida, deslocada, desterritorializada e reterritorializada, antes de tornar-se escrava. Nosso esforço está no “durante” e não no “depois”; não está no início ou no fim, está no meio, momento no qual não houve reflexão, só movimento. Como corolário, podemos afirmar que é devido à falta dessa reflexão que as ações afirmativas, tão essenciais, falham tanto e são tão criticadas, pois são fundamentadas em números. A pessoa que não está incluída nas ações afirmativas, como os sistemas de cota para afrodescendentes, por exemplo, não entende porque deve ser solidária com as ações, porque entende (pensa) que a escravidão é coisa do passado e ninguém conseguiu demonstrar a ela algo diferente. Ao mesmo tempo, muitas pessoas que foram contempladas por ações afirmativas, como as leis de cotas para ingresso no ensino público de pessoas de grupos chamados minoritários, sentem vergonha por estarem nessa condição e também por não terem uma melhor compreensão dos seus direitos¹⁶. Nesse caso, geofilosofar é pensar sobre essa questão, até o cansaço, até que seja possível a sua compreensão e a sua transmissão, que pode ser feita de diversos modos. Mas não apenas pensar.

A geofilosofia busca romper com essa percepção hierarquizada ou vertical, de uma sucessão temporal que coloca a coisa, mais ou menos, nos seguintes termos: “no primeiro século foram tantos escravizados; no segundo, mais tantos e assim por diante, até chegar ao resultado final”. A geofilosofia põe, a princípio, o problema numa perspectiva horizontal, na vizinhança das temporalidades distintas, assim como também procede a conceituação, entendendo que não é possível uma compreensão final, ou do todo, se os diferentes momentos não forem compreendidos, em referência a eles próprios e não a um consequente. Qualquer conclusão pode ser falha, precipitada e incompleta, embora aceitável:

Os componentes como ordenadas intensivas se ordenam nas zonas de vizinhança ou de indiscernibilidade que fazem passar de uma à outra,

15 De maneira alguma nos opomos à estatística, fundamental para o conhecimento e para as reparações, mas precisamos também ir além dela.

16 O autor deste artigo participou de uma Comissão de Heteroidentificação em uma Instituição Pública Federal de Ensino e vivenciou situações como as relatadas aqui em mais de uma ocasião.

e que constituem sua inseparabilidade: uma primeira zona está entre duvidar e pensar (eu que duvido não posso duvidar que penso), e a segunda está entre pensar e ser (para pensar é necessário ser). Os componentes apresentam-se aqui como verbos, mas isto não é uma regra, basta que sejam variações. Com efeito, a dúvida comporta momentos que não são as espécies de um gênero, mas as *fases* de uma variação: dúvida sensível, científica, obsessiva. (Todo conceito tem, portanto, um espaço de fases, ainda que seja de uma maneira diferente daquela da ciência.) O mesmo vale para os modos do pensamento: sentir, imaginar, **ter ideias**. O mesmo vale para os tipos de ser, coisa ou substância: o ser infinito, o ser pensante finito, o ser extenso. É de se observar que, neste último caso, o conceito do eu não retém senão a segunda fase do ser, e deixa fora o resto da variação. Mas é precisamente o signo de que o conceito se *fecha* como totalidade fragmentária com “eu sou uma coisa pensante”: não se passará às outras fases do ser senão por pontes-encruzilhadas que levam a outros conceitos. (Deleuze e Guattari, 1992, p. 37). (O grifo é nosso).

O que Deleuze e Guattari nos apresentaram, introdutoriamente, como um problema de linguagem, ou conceitual, aqui apresentamos, com respaldo nos dois autores, como uma questão de ordem cognitiva. Assim, para a geofilosofia, ao termos ideias sobre a escravidão, não podemos ter uma boa noção sobre a “escravidão que não existe mais”, se não compreendemos a “escravidão que durou” e não há dúvidas de que ainda não a compreendemos, de fato. Nesse sentido, ainda vivemos o momento em que o primeiro escravo aqui desembarcou. Precisamos recuperar “aquele” presente. Não passou, não acabou! Ainda não o resolvemos e muitos ainda sofrem. Por isso identificamos a escravidão como a mais cruel manifestação de uma desterritorialização, seguida de sua correspondente reterritorialização. Porque retira o fluxo natural e humano do devir “pessoa”, substituindo por um devir estranho, indesejado, inumano. E atualmente, sob o domínio do capital, ela permanece; não como escravidão em si, mas sob alguma outra forma de opressão que a sobrepõe e substitui, como, por exemplo, o denominado “trabalho análogo à escravidão”.

Pode ter sido a antevisão desses graves desdobramentos da escravidão que levaram Joaquim Nabuco, em 1870, a escrever:

Da moral a escravidão fez duas morais; uma para cada classe, Jano bifronte que olha para a opressão sorrindo, para os oprimidos colérico, a mesma imagem da religião, como a escravidão a tornou, espécie de fetichismo católico. Assim veremos como ela prostitui a religião e a moral. [...] O fundamento moral da propriedade foi destruído, fazendo-se sair o direito da lei e não da natureza humana: não reconhecendo o

direito absoluto da propriedade, porque se esse direito fosse absoluto seria inalienável, imprescritível, universal, e os escravos o criam e não haveria escravidão, autorizou a esta os progressos de uma seita que raciocina como ele: o comunismo. Assim veremos como a escravidão ataca o direito da propriedade. § A virtude perde-se ao contato dessa instituição (a escravidão): ela é a escola do crime, envenena o coração do senhor e do escravo, muda a caridade em palavra vã, desnatura a lei do mérito: é a sentina de todos os vícios: (sic) assim veremos como a escravidão ataca a base da sociedade livre: os costumes¹⁷. (Nabuco, 2010, p. 13).

No entanto, não podemos endossar o texto de Nabuco por completo. São palavras de um abolicionista, é certo; mas podem e devem ser interpretadas geofilosoficamente, sem que caiamos no erro do anacronismo. Embora condene a escravidão, Nabuco o faz como um abolicionista progressista de sua época, profundamente influenciado pelas ideias positivistas que concebiam a propriedade (privada) como um bem supremo ameaçado pelas ideias *comunistas*. Ao condenar a escravidão, Nabuco consegue abstrair o conceito “escravidão/escravatura” da figura do senhor de escravos, afirmando que aquela também o corrompe (envenena o coração do senhor e do escravo...). Ou seja, Nabuco julga em separado. A quem ele acusa então? Não seria necessário que o senhor de escravos já estivesse com o seu coração envenenado por um sentimento corrompido de propriedade, para então escravizar? Portanto, não é a escravidão, em si, que *rebaixa o trabalho e ataca o direito da propriedade*, mas, ao contrário, é a forma opressora e colonial de propriedade que autoriza a escravidão. No entanto, essas ponderações só podem ser feitas a partir de um olhar geofilosófico e não nos cabe julgar Joaquim Nabuco, quando muitos dos nossos contemporâneos ainda se mostram incapazes dessa compreensão. A percepção de Nabuco é pioneira e o seu texto é uma referência para que possamos entender melhor aquele momento.

E à geofilosofia, é o que defendemos, cabe a denúncia desses agenciamentos que apenas encobrem as injustas relações de uns sobre outros, na face da Terra.

17 É digno de nota que, infelizmente, o referido livro de Joaquim Nabuco, escrito em 1870, quando ele tinha apenas 21 anos de idade, só veio a público oitenta anos depois, em 1951. Por isso, o texto não pôde contribuir para as discussões travadas na época de sua redação. Não encontrei registros ou documentos que expliquem porque o texto não foi publicado na ocasião. No entanto, tudo indica que as ideias constantes no livro poderiam representar algum inconveniente para o jovem autor. Já o livro *O Abolicionismo*, também escrito por Nabuco e publicado em 1883, quando o autor já havia completado 34 anos e quando a escravidão já era amplamente repudiada por grande parte da população, encontrou terreno fértil e grande repercussão.

Assim, adotamos, ainda que provisoriamente, a seguinte definição para “geofilosofar”: uma atitude que reconhece e busca suprir um não-saber a respeito da Terra e das relações que compõem as suas histórias, geografias, culturas; sempre mediadas pelo humano e o meio, o que inclui aquilo que chamamos de natureza e os seus reinos mineral, vegetal, animal e qualquer outro que ainda possamos vir a descobrir e/ou nominar; esta atitude busca conhecer as injustiças seculares cometidas no exercício dessas relações, bem como contribuir para que as mesmas sejam reparadas, sobretudo no contexto do sistema capitalista, que trata essas injustiças não como um problema, mas como um meio para a sua perpetuação. Geofilosofar é assumir uma postura política e social. É falar pelos oprimidos da Terra. É denunciar as diversas manifestações e consequências do colonialismo, em busca de um novo princípio e uma nova lógica, sob um novo olhar, tanto para o presente quanto para o passado e para o futuro, que deve apontar para a possibilidade de uma nova t(T)erra para todos.

Possibilidades de pesquisa com fundamento na geofilosofia

Para concluir este artigo, segue uma síntese das possibilidades de encaminhamentos de pesquisa com fundamento na Geofilosofia, conforme apresentado em nossa tese de doutoramento, defendida em 2023 e já referenciada acima, uma vez que o **Geofilosofar** também permite a produção de campos específicos de estudo, a exemplo do que já fizeram Caterina Resta, que escreveu o livro *Geofilosofia do Mediterrâneo*, e Massimo Cacciari, que escreveu *Geofilosofia dell'Europa*. A seguir, citamos algumas dessas possibilidades.

- **Geofilosofia da matemática¹⁸:** Está interessada, sobretudo, na forma como as características de diferentes povos e culturas influenciaram na constituição da apreensão local da matemática, na sua origem. Procura entender porque a matemática se desenvolveu de forma diferente em cada lugar, dando origem a diferentes tipos de “matemáticas”, como, por exemplo, a matemática romana, que difere da árabe. Também busca refletir sobre a milenar proximidade entre a matemática

18 No segundo semestre de 2023, o autor deste artigo orientou a pesquisa do estudante Maiquel Henrique Oliveira Silva, que demonstrou interesse pela Geofilosofia e aceitou a sugestão de trabalhar a “Geofilosofia da Matemática” em sua monografia de conclusão de curso. Ele é graduado em matemática e leciona a disciplina no Ensino Médio. O seu TCC, intitulado “Uma Introdução à Geofilosofia da Matemática”, foi defendido em dezembro de 2023.

e a filosofia, sempre levando em consideração a relação com as categorias geográficas: lugar, espaço, tempo, território, dentre outras.

- **Geofilosofia do esporte:** Buscará investigar as manifestações e circunstâncias que tornam o esporte tão presente na vida dos povos, mas com características sempre peculiares e locais, mesmo em esportes cuja prática é frequente em várias partes do mundo. Poderá se dedicar ao estudo dos deslocamentos sociais que a prática de esportes exige. Refletir sobre como o futebol tem sido importante aliado nas campanhas de inclusão, como, por exemplo, quando esportistas consagrados se dedicam a movimentos como “Black Lives Matter”, ou na união dos povos, em competições internacionais como as Copas do Mundo de Futebol ou Olimpíadas, eventos que também são marcados por contradições sociais que merecem estudos, sobre quais também caberá à “geofilosofia do esporte” refletir.
- **Geofilosofia do futebol** (como exemplo de uma aplicação específica da geofilosofia do esporte): Estará interessada no estudo das relações exercidas na prática do futebol mundial, tanto em seus privilégios, quanto em suas desigualdades, sobretudo no que se refere ao domínio do capital. Deverá refletir sobre como os interesses do capital se sobrepõem aos interesses sociais, que levam atletas, executivos e o público, em geral, a ignorarem que muitos países que se tornaram paraísos para o esporte são desprovidos de políticas sociais, ou são antidemocráticos e desconhecem processos nacionais de eleição de representantes políticos. Também estará interessada nos diferentes tratamentos dados aos praticantes do esporte, no que se refere às questões de gênero, etnia, dentre outras. Por exemplo, os frequentes episódios de racismo contra jogadores afrodescendentes em muitas partes do mundo e os privilégios do futebol masculino em relação ao futebol feminino.
- **Geofilosofia da paisagem**¹⁹: Toda paisagem, seja urbana, rural, litorânea, ou de outra natureza, apresenta consigo características

19 Sobre a Geofilosofia da Paisagem, especificamente, não nos apresentamos como propositores, uma vez que ela já existe. Citamos, como exemplo, o livro *Geofilosofia da Paisagem*, de Luisa Bonesio. A nossa intenção, no entanto, é propor, a partir da geofilosofia, um estudo sobre paisagens urbanas brasileiras, centrada nas desigualdades sociais que as diferentes paisagens denunciam.

peculiares, que tanto remetem à sua geografia, quanto à sua história. A *geofilosofia da paisagem* está interessada no estudo das transformações - deslocamentos, desterritorializações e reterritorializações - que permitem a cada paisagem ser o que ela é, ou se tornou, a partir da percepção humana:

Paisagem é tudo aquilo que “salta” aos olhos e aos sentidos. É uma categoria profundamente estética e sensível. [...] § A paisagem apresenta-se como o resultado das transformações do espaço observável, ao longo do tempo. É o que está diante dos nossos sentidos e, ao mesmo tempo, a síntese das modificações e o ponto de partida para as novas mudanças e análises. A paisagem não é estática, ou imóvel, embora possa ser “paralisada” momentaneamente, para fins estéticos, de estudo ou outros fins, seja por uma imagem (desenho e fotografia, por exemplo), ou por intermédio de uma descrição científica, literária, dentre outras. (Fernandes, 2015, p. 92).

Imagem 01 - Praça Monastiraki – Atenas, Grécia.



Fotografia do autor deste artigo (Atenas, junho de 2015).

Citamos, como exemplo, uma paisagem urbana que ainda espera por uma análise geofilosófica: a Praça Monastiraki, no centro da cidade de Atenas, Grécia, sobre a qual segue o seguinte comentário, inspirado por uma fotografia²⁰ que fizemos no local, em 2015: Nesse lugar estão uma linda Mesquita (Tzistarakise), erguida no Século XVIII; uma estação de metrô; um pequeno e encantador mosteiro; o museu de cerâmica, que é um anexo do Museu de Arte Popular Grega; o comércio das pulgas (Flea Market), no qual é possível encontrar roupas, calçados, souvenirs, artesanato, antiguidades e muito mais; além da “Ágora Romana”, conjunto de ruínas de uma das antigas praças atenienses (Ágora - nome dado às praças públicas na Grécia Antiga, nas quais ocorriam reuniões em que os gregos, sobretudo os atenienses, discutiam assuntos ligados à vida pública da cidade [polis]. As assembleias aconteciam na Ágora e os gregos podiam decidir sobre justiça, obras públicas, leis, cultura, etc). Localizada entre a Praça Monastiraki e a Acrópole, no mesmo plano que a praça, está o local [ágora] em que, segundo a tradição, foi realizado o julgamento do filósofo Sócrates, 399 a.C.

- **Geofilosofia do tempo nas cidades:** Tem o propósito de refletir sobre as diferentes maneiras como o tempo é processado nas cidades, o que nos conduz à hipótese de que há uma *geofilosofia do tempo* em alguns dos escritos de Milton Santos²¹. Para Milton Santos, um geógrafo e filósofo que tomamos a liberdade de chamar de geofilósofo, existem comportamentos que definem as diferentes temporalidades na atual forma como a sociedade se organiza, sobretudo nas grandes cidades. Essas diferentes temporalidades podem ser conhecidas através das múltiplas composições da paisagem urbana, que são construídas e reconstruídas ao longo do tempo. Assim, um mesmo lugar pode oferecer diferentes paisagens, de acordo com as modificações e atualizações temporais. Para explicar essa dinâmica espaço-temporal nas cidades, e para contrapor às

20 Ver Imagem 01.

21 Para mais informações sobre uma possível relação entre Milton Santos e a Geofilosofia, recomendamos o texto intitulado: “A Geofilosofia de Milton Santos e a Globalização: uma contribuição brasileira”, publicado em RESTA, Caterina & FERNANDES, Paulo Irineu Barreto. **Geofilosofia**. Ituiutaba: Barlvento, 2019.

noções de tempo longo e tempo curto [de Braudel²²], Milton Santos também introduz os conceitos de tempos rápidos e tempos lentos. Portanto, não seria exagero afirmar que em Milton Santos já se encontra um esboço de uma *geofilosofia do tempo nas cidades*.

- **Geofilosofia da alteridade e da hospitalidade:** Inspirada no pensamento de autores como Lévinas, Miroslav Milovic, Caterina Resta, deverá propor uma discussão crítica a respeito da noção de “outro” ou de “estrangeiro”, partindo do princípio de que a Terra é – dever ser – a casa de todos, tal como escreveu Milovic, a respeito de Lévinas e da necessidade de uma perspectiva que favoreça os desprovidos:

... parece que toda a história da filosofia comete uma injustiça profunda, tematizando várias formas do Mesmo e esquecendo o Outro. Como tematizar o *Outro*? Podemos imaginar a relação de simetria entre Mesmo e Outro, mas neste caso a dúvida é saber se assim se afirma a posição autêntica dos *outros*. Outra alternativa seria a posição assimétrica em favor do Mesmo, o que a filosofia representa até hoje. A terceira alternativa seria a assimetria em favor do Outro. Essa é a perspectiva de Lévinas. (Milovic, 2004, p. 117, 118).

Enfim, ao proporem o conceito “geofilosofia”, Deleuze e Guattari colocaram em movimento – devir – um enorme “leque” de possibilidades que permitem uma leitura imanente, espacial e horizontal do pensamento, centrada na vizinhança e na reciprocidade. Ao propormos o termo “geofilosofar”, chamamos a atenção não apenas para a reflexão, mas também para o ato. Se os/as filósofo/as filosofam; então deverá também haver o geofilosofar e quem o faz é o/a geofilósofo/a.

Referências

ANDRADE, Oswald de. O manifesto antropófago. In: TELES, Gilberto Mendonça. Vanguarda européia e modernismo brasileiro: apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardistas. 3ª ed. Petrópolis: Vozes; Brasília: INL, 1976. (texto digitalizado disponível em <https://literaturaufalarapiraca.wordpress.com/wp-content/uploads/2018/01/manifesto-antropofago-e-manifesto-da-poesia-pau.pdf> - acesso em

22 Fernand Braudel é citado tanto por Deleuze e Guattari, quanto por Milton Santos. Embora o autor deste artigo não tenha se dedicado ao estudo desse autor, é pertinente citar algumas de suas principais obras, traduzidas para a língua portuguesa: *O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrâneo na Época de Filipe II*; *A Civilização Material*; *A Dinâmica do Capitalismo*.

26/07/2025)

A SABEDORIA DO TEMPO, COM PAPA FRANCISCO. Direção: Simona Ercolani, 2021.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O Que é a Filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Qu'est-ce que la philosophie?** Paris: Les Éditions de Minuit (édition électronique), 1991.

FERNANDES, Paulo Irineu Barreto. **Por uma Terra de (e para) todos:** Introdução ao Geofilosofar. 2023. 201f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia.

FERNANDES, Paulo Irineu Barreto. **Uma geofilosofia do cotidiano e dos lugares:** modernidade e representações no (e do) trem de passageiros na região do triângulo mineiro. 2015. 349f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia.

MILOVIC, Miroslav. **Comunidade da Diferença.** Ijuí: Editora Unijuí, 2004.

NABUCO, Joaquim. **A Escravidão.** Rio de Janeiro: Batel, 2010.

RESTA, Caterina. **10 teses de Geofilosofia.** Tradução de Paulo Irineu Barreto Fernandes. In: RESTA, Caterina & FERNANDES, Paulo Irineu Barreto. **Geofilosofia.** Ituiutaba: Barlavento, 2019.

THE LETTER - A MESSAGE FOR OUR EARTH: Laudato Si' Film (O Papa, a Crise Ambiental e os Líderes de Destaque). Youtube Originals, 2022. (81 min).